

DAS ÁGUAS AO CAMPO: O REMO E O FUTEBOL NA ORIGEM DE CLUBES DO RECIFE

Nara Romero Montenegro¹

Resumo: O remo, modalidade identificada como uma das primeiras no formato moderno, inaugurou em muitas cidades litorâneas uma estrutura burocrática esportiva, contribuindo para a institucionalização do cenário esportivo no final do século XIX e início do XX. O futebol, prática que se popularizou sobretudo nos anos de 1920 e 1930, herdou do remo esta estrutura. Este artigo tem como objetivo analisar as origens de grandes clubes de cidades do Nordeste brasileiro, quando o remo figurava como principal modalidade, dentre eles o Sport (Recife) e o Náutico (Recife), reconhecendo neste processo suas especificidades e similaridades. A partir de um aporte teórico fundamentado na história cultural e na metodologia de pesquisa histórico-documental, reuniu-se conjunto de fontes da imprensa, jornais e periódicos, bem como materiais produzidos pelos próprios clubes, como estatutos e revistas. Além disso, foram mobilizados textos produzidos por cronistas e memorialistas, que relataram essa história a partir de outra perspectiva afetiva. Nesse processo, de transição entre o remo e o futebol, percebeu-se aproximações, tensões e disputas que revelavam como a sociedade recifense representava cada um desses esportes e seus significados neste contexto social.

Palavras-chave: remo; futebol; clubes esportivos; história do esporte.

From Water to Field: Rowing and Football in the Origin of Recife Clubs

Abstract: Rowing, a sport identified as one of the first in the modern format, inaugurated a bureaucratic sports structure in many coastal cities, contributing to the institutionalization of the sports scene in the late 19th and early 20th centuries. Football, a practice that became popular especially in the 1920s and 1930s, inherited this structure from rowing. This article aims to analyze the origins of large clubs in cities in the Brazilian Northeast, when rowing was the main sport, including Sport (Recife) and Náutico (Recife), recognizing in this process their specificities and similarities. Based on a theoretical contribution based on cultural history and historical-documentary research methodology, a set of sources from the press, newspapers and periodicals were gathered, as well as materials produced by the clubs themselves, such as statutes and magazines. Furthermore, texts produced by chroniclers and memoirists were mobilized, who reported this story from another affective perspective. In this process, of transition between rowing and football, approximations, tensions and disputes were noticed that revealed how Recife society represented each of these sports and their meanings in this social context.

Keywords: rowing; football; sports clubs; sport history.

¹ Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp.
Email.: naramerom@hotmail.com

Introdução

No contexto esportivo, brasões, escudos e flâmulas, assim como suas cores e composições estéticas, possuem valor simbólico representativo na identidade de clubes esportivos. A presença – atual ou anterior – de elementos que remetem ao remo nestes aparatos simbólicos clubísticos explicitam a importância da modalidade na institucionalização do esporte moderno ao redor do país, entre o final do século XIX e início do XX. Apesar de sua tímida popularidade contemporânea, clubes esportivos aclamadas sobretudo pelo futebol, como o Flamengo, Vasco da Gama e Botafogo do Rio de Janeiro, o Náutico e Sport do Recife, o Vitória de Salvador, e o Remo de Belém do Pará, são alguns exemplos de entidades que se originaram do remo ou que tinham esta modalidade, quando não única, com protagonismo de suas atividades esportivas. (OLIVEIRA, 2011; NASCIMENTO e SILVA, 2011; MELO, 2021; DIAS e SOARES, 2014; SANTOS, 2011)

O remo, modalidade aquática praticada em rios, lagos e lagoas, penínsulas, enseadas e baías, difundiu-se em diversas cidades brasileiras banhadas por águas doces e salgadas desde a segunda metade do século XIX. O esporte era uma novidade até na então capital brasileira, Rio de Janeiro. O próprio termo inglês *sport*, foi mantido revelando-se como um fenômeno social advindo de fora e marcado por estrangeirismos. Conforme Melo (2001), traços do esporte moderno já eram notados na prática do turfe ou corrida de cavalos, modalidade que se desenvolvia anteriormente ou paralelamente ao remo. A prática aquática, contudo, trazia a novidade da centralidade no corpo saudável e atlético, condizente com os novos ares de modernidade num país que se republicanizava e, progressivamente, passava por reformulações urbanas e culturais:

O remo carregava em seu interior características mais próximas das valorizadas por uma camada/cultural burguesa em formação, em comparação com o caráter aristocrático do turfe. Por exemplo, podemos destacar: o controle corporal das pulsões e a busca de uma formação corporal adequada às exigências da modernidade e do desenvolvimento de uma 'nação forte'; a formação do líder forte e empreendedor; a valorização do desafio, entre outras." (...) "Não se tratava mais de colocar cavalos para correr, e sim de participar mais ativamente, de demonstrar no próprio corpo saudável e forte os sinais dos novos tempos, de incorporar efetivamente um novo estilo de vida adequado à

velocidade dos tempos modernos. O remo era o esporte da saúde, do desafio (ao outro e ao mar), o esporte da velocidade.” (MELO, 1999, p.59)

Ao mesmo tempo, discursos voltados à higiene e saúde das populações circulavam no Brasil, ainda marcado por epidemias da febre amarela, tuberculose, varíola, gripe espanhola, além de outras doenças. Dentre os vários embates e prescrições, a ginástica e a cultura física de forma mais abrangente passaram a ser defendidas por médicos como hábitos saudáveis, sustentados por argumentos científicos. (GÓIS JUNIOR, 2013)

Nessa mesma perspectiva, prescrições outras relacionadas a inculcação de novos hábitos mesclavam-se, classificando determinadas modalidades esportivas como mais ou menos consonantes como discursos do que era representado como saudável. Nas capitais brasileiras, conforme Soares, “o ideário de vida ao ar livre, de naturezas domesticadas inventadas pela nova ordem urbana se faz presente, misturando cura e divertimento, educação e saúde” (2016, p.17). Profissionais e autoridades da educação, da ciência, da saúde, da arte e do urbanismo contribuíram na reformulação de uma relação com uma natureza que revigorasse e recuperasse as energias cidadinas.

Busca por espaços ao ar livre, como rios, parques, praças, bosques, jardins e, em cidades costeiras, as praias, era uma tônica na primeira metade do século XX. Paralelamente difundiam-se os discursos a respeito dos benefícios da chamada cultura física, em que se incluíam os exercícios físicos, a ginástica e os esportes. Nas águas do mar e dos rios, encontravam-se práticas salutaras, acreditando-se capazes de repor algo perdido na vida sombria na cidade. Aonde ia-se ou viajava-se nas estações quentes e nos finais de semana, no intuito de praticar o veraneio saudável recreativo, era também onde se praticava esportes modernos como o remo, a natação e o polo aquático. A vida social investida de modernidade se expressava não só nas ruas, avenidas e calçamentos, mas também nas beiras dos rios e da areia das praias. (SOARES, 2016)

No contexto apresentado, o remo era então uma prática que reunia discursos associados à nova ordem burguesa e urbana, ao imperativo higiênico de um corpo em movimento e aos discursos terapêuticos voltados ao ideário de uma vida ao ar livre. Na cidade do Recife, recorte geográfico aqui delimitado,

esses discursos também circulavam e as primeiras manifestações esportivas institucionalizadas tinham a modalidade do remo como prática central.

Clubes esportivos foram fundados na segunda metade do século XIX e início do XX, voltados para o desenvolvimento do remo, do turfe, do cricket e, um pouco mais tarde, do futebol. As cidades do Recife e de Salvador, por terem sido centro político e econômico importante no decorrer do século XIX, receberam, de acordo com Freyre (2000), grande quantidade de imigrantes ingleses sobretudo após abertura dos portos, o que certamente influenciou no processo de chegada nessas modalidades e de todo o aparato necessário, como barcos, remos e o conhecimento da prática.

Na cidade do Recife, houve em 1859, a fundação do *Jockey Clube de Recife*, e mais especificamente no remo, o *Clube Internacional de Regatas* de 1885, e o *Clube Náutico Capibaribe* em 1901, voltados inicialmente apenas à modalidade aquático, e o *Sport Club Recife* de 1905, que desenvolvia outras modalidades (OLIVEIRA, 2011; NASCIMENTO e SILVA, 2011). O remo juntamente com o turfe foi uma das primeiras estruturas esportivas institucionalizadas, fato histórico que ocorreu também em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo (MELO, 2001; MEDEIROS, 2021; LUCENA, 2000).

Pode-se inferir que muito da estrutura que outras modalidades esportivas, dentre elas o futebol, dispuseram nos anos posteriores deveu-se ao pioneirismo da institucionalização, organização e burocratização do remo. Clubes de futebol atualmente de grandes torcidas de Salvador e Recife, como o Vitória, o Náutico e o Sport, foram herdeiros, em distintos níveis, dessa estrutura que data do final do século XIX e primeiros anos do XX (OLIVEIRA, 2011; NASCIMENTO e SILVA, 2011; SANTOS, 2011). A modalidade esportiva do remo, portanto, embora não tenha o mesmo relevo desse período, deu subsídios para estrutura física, gestão e disposição, viabilizando desenvolvimento de outras modalidades.

Dado este cenário histórico da institucionalização esportiva da cidade do Recife, este artigo tem como objetivo analisar as origens de grandes clubes de cidade do Nordeste brasileiro, quando o remo figurava como principal modalidade, dentre eles o Sport (Recife) e o Náutico (Recife), destacando os embates, conflitos e disputas na inserção de outras modalidades, dentre elas o futebol, o qual posteriormente tornou-se protagonista. Nesse sentido, elenca-se

como central as seguintes perguntas: qual foi o papel do remo na formação esportiva inicial de clubes do Recife e como se deu a passagem de protagonismo ao futebol nas atividades dos mesmos clubes.

Metodologicamente compartilha-se de uma visão de Roger Chartier (1990) acerca da história, cujo objetivo é identificar como determinada realidade social foi construída e pensada. O autor destaca a noção de representação, alertando para sua pluralidade e variabilidade, o que a caracteriza como campo de poder, de disputa. Representação aqui pensada permite algumas formas de relação com o mundo social, dentre elas as práticas, que exibem uma maneira própria de estar nesse mundo.

A partir do aporte metodológico baseada na pesquisa histórico-documental, reuniu-se conjunto de fontes da imprensa, jornais e periódicos, bem como materiais produzidos pelos próprios clubes, como estatutos e revistas. Foram ainda mobilizados textos produzidos por cronistas e memorialistas, que relataram essa história a partir de outra perspectiva afetiva. A respeito da escolha dos periódicos, jornais e revistas, como fontes, Luca (2006) destaca a importância de cuidados metodológicos com esses materiais. O historiador deve atentar-se às análises de discursos produzidos pela imprensa, tendo em vista suas motivações, temas e linguagens escolhidos a fim de atingir um público específico, bem como o diálogo com os outros periódicos do período.

A Cidade Anfíbia e as Primeiras Remadas Esportivas

Cidade banhada por águas doces e salgadas, o Recife, também conhecido como Veneza Brasileira/Americana, desenvolveu uma cultura fluvial e marítima desde tempos remotos. Seu porto natural, composto por uma cadeia de arrecifes, protegia as navegações de grandes ondas e ventanias de mar aberto, ao mesmo tempo que fazia da cidade um local de fluxo de mercadorias e pessoas, no Brasil ainda colonial. (AROUCHA, 2017).

Símbolos da cidade até os dias atuais, os rios Beberibe e Capibaribe, encontram-se com o oceano Atlântico, formando uma cidade anfíbia, atravessada por canais, córregos, manguezais e pontes. De menor curso, o rio Beberibe, nasce e deságua na região metropolitana do Recife. Este rio teve importante função no transporte de água consumida nas cidades de Olinda e do Recife no século XIX.

Por sua vez, o rio Capibaribe nasce na Serra do Jacarará, no norte do estado de Pernambuco, é um rio de maior curso, portanto com muitos afluentes, e desemboca no Recife, encontrando o Beberibe e as águas salgadas do mar. (AROUCHA, 2017).

A capacidade produtiva da região, associada a estas singularidades geográficas, tornaram a cidade um importante centro da experiência da exploração colonial brasileira. Até o século XVII, a cidade era considerada um anexo de sua vizinha Olinda, servindo apenas com sua função portuária. Parte da historiografia da cidade vai atribuir seu desenvolvimento à Invasão Holandesa no século XVII, quando Recife adquire maior prestígio. (GESTEIRA, 2004; PONTUAL, 2001)

Nas várzeas do Rio Capibaribe, explorou-se intensamente a fertilidade do solo do massapê, apropriado à cultura da cana. Além disso, o rio atravessava parte de Pernambuco, permitindo o transporte da produção até o porto natural de arrecifes. As margens do Capibaribe, então, instalaram-se lavouras de cana-áçúcar, casas de engenho e, posteriormente, usinas de cana. (AROUCHA, 2017; PONTUAL, 2001; BERNARDES, 2012)

Centro fundamental da colonização portuguesa, Pernambuco, reunia elementos como o porto, engenhos de açúcar e propriedades de terra. A constituição imaginária da colonização brasileira da monocultura da cana, dos latifúndios, do trabalho escravizado de origem africana, elementos inúmeras vezes mobilizados na constituição na formação histórica brasileira, foi uma experiência real do Recife estendida à região Nordeste. Conforme enuncia o historiador Denis Bernardes (2012), o Recife teria a sua história confundida com a história da economia agroexportadora implantada no Nordeste.

A cidade do Recife fez de suas águas representantes simbólicos de uma identidade local, como é o rio Capibaribe e sua foz em confluência com o Atlântico e o Beberibe, onde ocorriam provas náuticas. Ainda hoje presente no imaginário local e nacional, a discursividade imagético-espacial hegemônica da cidade do Recife é aquela associada à Veneza Brasileira, imagem que emblema uma experiência urbana atravessada por águas, pontes, canais e mangues. (MACIEL, 2005).

Se a função de transporte e subsistência já estavam presentes no cotidiano colonial e pré-colonial, outros usos das águas também eram rotineiros, como banhos, jogos, passeios e desafios. Associado aos discursos, símbolos e metáforas que um espaço de natureza potencialmente assume na constituição de uma identidade local, uma relação mais íntima, higiênica e hedonista da população com o rio era já presente, antes mesmo do século XX (ARAÚJO, 2007). O remo e outras práticas como natação e polo aquático ou *waterpolo*, foram exemplos de uso ligados à cultura física, que se realizavam nas águas do Capibaribe e em sua foz, símbolo identitário incontornável da cidade.

Já no final do século XIX e primeiros anos do século XX, passeios e mesmo competições em formato de desafio eram comuns na imprensa de jornais. Em 1885, teria sido fundado o primeiro clube esportivo de regatas, o *Clube Internacional de Regatas*. Entretanto, conforme memorialista Matos (1985), “o social venceu o esportivo” e quatro anos mais tarde o clube modificaria seu status de clube esportivo para social, implicando inclusive em mudança de título para *Clube Internacional do Recife*. No ano de 1897, fundou-se uma associação de *Recreio Fluvial*, que realizava passeios da antiga Lingueta (onde hoje localiza-se o Marco Zero), até às Casas de Banho do Pina e pequenas competições de regatas. (CORDEIRO, 2012).

No mesmo ano, de acordo com memorialistas Cordeiro (2012), Oliveira (1998) e Menezes (2011), os jovens teriam preparado uma competição náutica em celebração às tropas pernambucanas recém-chegadas dos conflitos com o movimento de Canudos. Após a repercussão do evento, o remo teria engajado novos adeptos e formado outra associação, denominada *Clube dos Pimpões*, que uma década depois transformou-se no *Clube Náutico*.

De fato, as notícias de regatas do final do século XIX e primeiros anos do século seguinte demonstraram uma prática ainda incipiente do ponto de vista da esportivização. Os eventos, embora apresentassem-se de forma entusiasmada pela imprensa, assemelhavam-se mais com um divertimento do que um caráter propriamente competitivo e esportivo.

O Club das Diversões prepara uma brilhantíssima festa que vai dar certamente a nota do dia. Constará de uma grande regata, diversão muito apreciada nesta cidade, que terá lugar na bacia do Gasometro. Sabemos que tocarão seis bandas de música.

(REVISTA DIARIA. Diário de Pernambuco, 15 nov. 1898, p.2)

A organização das regatas partia dos próprios clubes sociais ou da imprensa. O trajeto, programa e detalhes que compõem a competição esportiva eram ainda pouco sublinhadas, quando comparada aos detalhes da festa, a banda, os vapores, a arquibancada, conforme fonte:

Realizou-se com grande brilhantismo a regata. A arquibancada achava-se bem enfeitada com bandeiras, folhas de canella e coqueiros, tendo sido enorme a concorrência, principalmente no rio, tal era o grande numero de embarcações. (A REGATA. Diário de Pernambuco, 18 nov. 1902, p.2)

O entusiasmo, euforia, aprovação daquela prática, seja pela população que enchiam e enfeitavam as arquibancadas, seja pela imprensa que convidava e descrevia os eventos, seriam os primeiros substratos para que a prática do remo se institucionalizasse, esportivizasse e consolidasse na aurora do século XX na cidade do Recife.

Primeiros Clubes e Período Áureo do Remo

Já no começo do século XX, um pioneiro e dos mais tradicionais clubes esportivos locais, foi fundado em 1901. O Alvirrubro nasceu da junção de dois clubes recreativos, o *Recreio Fluvial* e o *Clube dos Pimpões*, já dedicados à prática do remo para fins de transporte, diversão e competição nos anos finais do século anterior. (CORDEIRO, 2012). De forma bastante representativa reverenciava o rio da cidade, o rio Capibaribe, e não escondia em seus símbolos, brasões, flâmulas a finalidade primordial e então única de desenvolver o esporte náutico do remo.

O nome de batismo já dizia tudo: Clube Náutico Capibaribe. Como se não bastasse a expressar referência à prática do esporte aquático, o nome dado ao clube acolhia no seu significativo título uma clara e explícita homenagem ao secular rio que corta a cidade do Recife ao meio, na sua eterna e tortuosa caminhada em direção ao mar. Nada mais simples e cristalino: a agremiação, nascida e destinada para o remo, recebia das águas, por ocasião do batismo, um nome insofismável – Clube Náutico Capibaribe. (OLIVEIRA, 1988, p.21)

Quatro anos mais tarde, em 1905, outro clube esportivo de relevo do Recife seria fundado, estabelecendo uma rivalidade com o Náutico. O *Sport Club do Recife*, diferentemente de seu rival, não desenvolvia apenas o remo. De acordo com o estatuto do Sport, o clube tinha “por fim proporcionar aos seus associados toda a sorte de Sports marítimos e terrestres.” (SPORT CLUB, 1907). Nas palavras de Guilherme Fonseca, um de seus fundadores, “Regressando da Inglaterra, eu trazia a idéia de introduzir o football em Recife e de alastrar outros sports, entre aquele povo simplesmente sportivo. A minha bagagem sportiva era completa, uma vez que se compunha de todo o material necessaria á pratica dos diversos ramos. Encontrei o Recife desprovido, completamente de diversões desportivas.” (O RUBRO NEGRO, 1949)

Na página de apresentação da Revista O Rubro-Negro, comemorativa ao seu 420 aniversário em 1947, entretanto o remo parecia ser a única modalidade de fato colocada em prática nesses primeiros anos. De acordo com a revista:

Praticando, inicialmente, apenas, o esporte do remo, foi, pouca a pouca, dando expansão e criando outros setores para, hoje, figurar entre os concorrentes de esportes como foot-ball, wolley-ball, basket-ball, tenis, atletismo, water polo, natação e box, êste último muito recentemente. (O RUBRO-NEGRO, 1947, p.1)

Ainda que não desenvolvesse de fato outras modalidades, dado as finalidades descritas no primeiro estatuto do clube, o brasão (Figura 1) e o próprio título abrangente do clube “Sport”, demonstravam um interesse e abertura maior da entidade para variedade de modalidades esportivas.



Figura 1 - Primeiro escudo do Sport Club do Recife (1905)
Fonte: Revista Spor Club do Recife, maio de 1951

O primeiro escudo do clube, substituído apenas quatro décadas depois pelo emblemático leão, revelava ao mesmo tempo que a primazia ocupada pelo remo, o interesse também por outras modalidades esportivas. Caracteriza-se sua estrutura por uma âncora sob uma salva-vidas, atravessada por remos e cordas. Ao centro, dentro da inscrição Sport Club Recife, o monograma de suas iniciais SCR e abaixo uma raquete de tênis cruzada com um taco de críquete, ao centro uma bola de futebol. O brasão revela o esforço ambíguo do clube de reconhecer a supremacia do remo, sem esquivar-se do desejo e da intenção de desenvolver também outras modalidades.

Nos anos seguintes outras entidades foram fundadas dando mais dinâmica e variedade para as regatas, dentre elas o surgimento do *Clube Esportivo Almirante Barroso*, dedicado também exclusivamente para o remo, em 1909. E, em 1910, a *Liga Pernambucana de Esportes Aquáticos*, que décadas depois iria tornar-se a *Federação Aquática Pernambucana* e, ainda mais adiante, em 1962, a *Federação Pernambucana de Remo*. (RUBRO NEGRO, 1944)

O período áureo do remo na cidade do Recife localiza-se aproximadamente entre as décadas de 1900 e 1920, quando os clubes esportivos voltados ao remo foram fundados, a Liga, órgão burocrático, criado e as regatas eram banhadas pelo entusiasmo da mocidade.

Neste período, em termos esportivos, o remo desenvolve e consolida as características identificadas por Allen Guttmann (1978) como típicas do esporte moderno. A quantificação e a racionalização expressavam-se no controle exato das distâncias e tempos de percurso, no cotidiano de treinos para as regatas, nas vitórias acumuladas em páreos. O caráter de especialização e igualdade aparecia nas divisões em categorias a competirem, seja elas e tipo de embarcação e quantidade de remos (*out-riggers* a dois remos, *yoles* a quatro remos, *yoles* a oito remos), ou em relação a variabilidade das distâncias, ou mesmo a divisão em categorias entre estreantes, amadores, juniors e seniors, e, eventualmente categorias femininas ou mistas. Conforme pode-se observar na Figura 2:



Sport Club do Recife

Projeto da Regata promovida pelo Sport Club do Recife a realizar-se na baía do Gazometro, em 24 de julho de 1910.

(A) — HONRA SUPER ALE — Seniors — 1.200 metros, Yoles a 4 remos, medalha de ouro em 1.º e de prata em 2.º.

(B) — TAÇA, PREFEITURA MUNICIPAL — Juniors — 800 metros, Yoles a 4 remos, medalha de ouro em 1.º e prata ao 2.º.

(C) — TAÇA, T. COMBER — Sem victoria, 600 metros, Yoles a 4 remos, medalha de prata ao 1.º.

(D) — CLUBS SPORTIVOS DO RECIFE — Seniors — 1.000 metros, Yoles a 4 remos, medalha de ouro ao 1.º e prata ao 2.º.

(E) — COLONIA INGLEZA BRITANICO — 800 metros, Yoles a 4 remos, medalha de prata.

(F) — IMPRENSA — Seniors — 800 metros, Outriggers a 2 remos, medalha de ouro.

(G) — DR. ARCHIMEDES DE OLIVEIRA — Juniors — 600 metros, Outriggers a 2 remos, medalha de prata.

(H) — HERBERT COMBER — Amadores, 1.000 metros, embarcações a 6 remos, medalha de prata.

(I) — AD BELLO SEXO — Remadores que não tenham tomado parte em regatas (incluindo esta) e cuja idade não exceda a 30 annos, 600 metros, Yoles a 4 remos, medalha de prata.

(J) — ERNESTO BROTHEROOD JUNIOR — (amadores) — 1.000 metros, balceiras a 12 remos, medalha de prata.

As inscripções encerrar-se-ão em nossa séde á 1 hora da tarde de 17 de julho. Continua em vigor o código de regata aceito pelas sociedades do remo no Recife.

Recife, 23 de junho de 1910.

O director dos Sports maritimos,
Guilherme Fonseca.

Figura 2 - Programa de Regatas (1910)

Fonte: Sport Club do Recife. *Diário de Pernambuco*, 23 jun. 1910, p.3

Aspectos ligados à burocratização, isto é, o complexo sistema organizacional em diferentes níveis, internacional, nacional e local, que executam regras, organizam eventos e atestam records, segundo Guttmann (1978), também iniciavam sua formação nesse período. Mais emblemática foi a fundação da *Liga Pernambucana de Esportes Aquáticos*, uma entidade formada por representantes dos clubes Sport, Náutico, Barroso e Saldanha, que promoviam o Campeonato Pernambucano de Remo, organizando seus páreos, os juizes e os patrocínios. Promoviam ainda eventos que envolviam regatas na cidade e, eventualmente, competição com clubes de outros estados.

A busca por records, aspecto relacionado com características anteriores, revela o desejo constante da modalidade de superação de marcas, distâncias e feitos. A quantificação obstinada de títulos, as premiações e o reconhecimento das vitórias, elementos que atribuem ao esporte moderno uma dinamicidade de superações ou busca incansável e insaciável por elas. Características estas que já estavam gradualmente expressando-se na prática do remo no contexto recifense.



Figura 3 - Esportistas do Náutico Capibaribe
Fonte: *Revista da Cidade*, n.54, 04 jun. 1927, p.20

Os *sportsmen* (Figura 3) que posam ao lado do troféu do Campeonato de Pernambuco anunciam o orgulho por mais um título do alvirrubro. Neste período delineou-se também a formação de identidades pelos clubes locais. Cores, símbolos, brasões, flâmulas apareciam nos uniformes, pavilhões, gorros produzindo afirmação de pertencimento com essas entidades. De forma caricata, o jornalista Austro-Costra, descreve um flerte em dias de regata atravessada pela adoração a clubes rivais.

Na asneira alegre da tarde náutica
com atletas morenos, peludos, garbosos, gemendo nos remos,
ao corre-corre das yoles, ao péga-péga dos canoes (....)
Depois,
na tarde sapéca, na tarde Dondóca de ligas á mostra,
o teu gritinho cór-de-rosa,
o teu gritinho hysterico da sêda

era a mais delirante das TORCIDAS...
E o teu gritinho clamava: SPORT!
Eu não gritava, não TORCIA mas pensava:
BARROSO!
(REVISTA DA CIDADE, n.67, 03 set. 1927, p.14)

O entusiasmo das festas náuticas misturava-se à admiração pelos clubes e o desejo implacável pela vitória. Esta euforia esportiva, associada ainda ao incipiente processo de esportivização, causavam inclusive dissidências que possivelmente contribuíram para o estremecimento do desenvolvimento do remo no contexto pernambucano. Nas décadas de 1910 e 1920, outras práticas esportivas já vinham sendo desenvolvidas dentro e fora do ambiente dos clubes. O remo, ainda que se firmava com regatas de grande repercussão, vivia disputas que contribuíram para o encolhimento da prática no contexto mais abrangente daquele cenário esportivo.

A imprensa identificava e anunciava os motivos pelo qual o remo ia perdendo entusiastas, sendo as dissidências entre os clubes locais um dos fatores. No páreo de 800 metros da Taça Redemptora de 1914, o barco do clube Almirante Barroso teria trancado os barcos de dois outros clubes, fazendo com que as embarcações de Náutico e Saldanha colidissem. A embarcação do Sport, então, teria sagrado-se o vencedor. O clube Náutico Capibaribe, de grande tradição, não aceitaria tal desfecho, afastando-se por anos de eventos promovidos pelos adversários. O distanciamento do clube até então considerado o mais tradicional no remo, desanimou os eventos náuticos, conforme a imprensa.

Esse salutar e util sport do remo tem sido ultimamente um pouco desanimado da parte de nossa mocidade, verificando-se que nas ultimas regatas não tem havido aquele ardor e entusiasmo dos annos anteriores. (...)

Essas pequenas questões que de vez em quando surgem no seio do sport nautico em nossa terra precisam ser de uma vez por todas banidas de nosso meio, a bem de nossa collectividade, a bem do sport pernambucano que precisa ser collocado acima de todas essas rixas partidarias.

Essa “celebre” questão ha dois annos surgida no nosso meio sportivo do rowing, da qual resultou a ausencia do veterano e sympathizado Nautico, das regatas, urge ter um fim para que dentro em breve vejamos, ao lado de seus congeneres tremular nas mansas aguas do Capibaribe, o glorioso pavilhão alvi-rubro. Esses são os nossos votos sinceros e desapaixonados a bem de nossa mocidade, a bem do nosso sport. (ROWING. *Diário de Pernambuco*, Recife, 10 set. 1916, p.5)

O *Diário de Pernambuco* faz um apelo para que questões particulares estejam aquém de um projeto esportivo maior para Pernambuco. A partir do amparo da imprensa na mobilização de uma trégua entre os clubes, o referido páreo foi considerado nulo posteriormente. Mesmo solucionada a situação particular, os anos que o tradicional e aclamado clube Náutico se ausentou dos eventos, parece ter deixado efeitos no engajamento do remo de forma mais ampla. Ademais, é possível supor que ressentimentos de outras naturezas tenham permanecido, em consequência do ocorrido.

A partir então dos anos seguintes, o remo precisou dividir atenção dos clubes com outras modalidades, e, mais que atenção, dividir agora também seu protagonismo com o jogo de pés, o *football*.

Remo e Futebol: aproximações e disputas

Mesmo após a década de 1920, as regatas ocorridas no Capibaribe eram, de fato, uma prática estabelecida. Discursos veiculados na imprensa, contudo, já identificavam nostalgicamente o momento como decadente à modalidade náutica. Outras práticas esportivas terrestres se firmavam nos clubes, aproveitando a estrutura deixada pelo remo, destacadamente o futebol, acompanhado dos esportes de origem norte-americana, basquete e vôlei. A natação aos poucos também ganhou adeptos, juntamente com outras modalidades individuais, como tênis, corridas e saltos.

Se o *Sport Club do Recife* já nasceu com a intenção de desenvolver várias modalidades, seu arquirrival, o *Náutico*, passou por um processo mais combativo internamente até oficializar a fomentação de outros esportes. Depois de oito anos dedicando-se exclusivamente ao remo, em 1909, o Alvirrubro mudou seu estatuto estendendo atividades do clube, incluindo então a adesão ao futebol (CORDEIRO, 2012). A anuência em aceitar o novo esporte teria sido não uma escolha visando benefício dos sócios do Náutico, mas sim um receio de perder seus adeptos a outros clubes, incluindo, o Sport, uma vez que o futebol crescia e encantava a juventude.

E, somente por temor ao risco da desagregação, é que os dirigentes do clube vermelho-e-branco - as cores escolhidas como símbolo - consentiram em aderir ao futebol. Pretendiam, e felizmente conseguiram, que os rapazes do remo,

demasiadamente empolgados com as animadas e fortuitas peladas nas campina do Derby, misturados aos jogadores do Sport, terminassem um dia cometendo a irreparável heresia de se afastarem dos ideias que os congregavam em torno da bandeira alvirrubra. O jeito era oficializar o futebol. Adotá-lo. Assumi-lo, como tantos outros fizeram. Foi o que finalmente decidiram, não sem antes terem de atravessar noites em discussão, os homens que naquela ocasião comandavam a nau vermelha-e-branca. (OLIVEIRA, 1998, p.23)

Os embates teriam permanecido sob a ideia de que futebol era um esporte de menor categoria, sem os preceitos higiênicos, harmônicos, morais e estéticos, os quais no remo eram abundantes. De acordo com Pierre Bourdieu (1983), o engajamento e exposição do corpo ao contato e ao maior grau de violência relaciona-se com as disposições éticas e estéticas a adesão de esportes conforme a classe social. Essa visão preconcebida do futebol como prática inadequada à mocidade, portanto, pode-se atribuir ao fato de ser um esporte de contato, praticado com os pés e que angariava popularidade, e pelo envolvimento de sujeitos de mais diversas camadas sociais.

Dessa forma, rememora Guilherme Fonseca (O RUBRO-NEGRO, 1949), fundador do Sport Club, a sua frustração no convencimento do diretor do Náutico na adesão ao futebol, quem “recusava os meus esforços sob a falha a irrisoria objecção de que o Clube Nautico era destinado, exclusivamente, á pratica dos sports aquaticus e que o football não era sport e sim troca de ponta pés, etc.”.

O ano de 1915 é emblemático nos embates entre remo e o futebol. Somente neste ano foi criada a primeira *Liga Sportiva Pernambucana de Futebol*, além dos conflitos decorrentes da Taça Redemptora de 1914, que esmoreceu o cenário do esporte náutico. Na década seguinte, os discursos sobre o remo e o futebol já assumiram esse cenário de transição de protagonismo, ao mesmo tempo que atacavam e defendiam o futebol em contraposição ao remo. Em publicação da Revista da Cidade em 1926, é possível identificar representações habituais dessas práticas no período:

O sport fidalgo do remo está com uma esplendida oportunidade de trabalho em prol de sua definitiva estabilidade. Recife já teve a sua phase aurea para o elegante exercicio do remo, aproveitando o elemento invejavel do Capibaribe e despertando na mocidade o entusiasmo pelas partidas nauticas, muito menos violentas e muito mais salutaes ao phisico do que o foot-ball.

E foi o foot-ball, em 1915, que fez morrer aquele grande entusiasmo pelas festas nauticas em que a mocidade se empenhava, galhardamente, disputando victorias para cuja consecução muito se trabalhava, num esforço que era um atestado *evidente de força de vontade*. Com advento do foot-ball, esse periodo brilhante desapareceu, pouco a pouco, até que, por effeito de uma politica malsã, *o desporto do ponta-pé chegou*, quasi, a falência.

Agora, provado o declinio do grande e velho entusiasmo da cidade pelo *jogo da esphera de couro*, nada mais aconselhavel que o retorno á actividade nautica, rumando essa mocidade forte que se *degladia nos gramados*, para a esplendida superficie movediça do Capibaribe, onde *os musculos se enrijam no manejo metódico do remo*.

Assim, nenhuma melhor oportunidade, do que essa, para que os desportos nauticos reconquistem o periodo de esplendor que o foot-ball lhes veio interromper em 1915. Ao mar...

(REVISTA DA CIDADE, n.20, 09 out. 1926, p.13 - grifo meu)

Percebe-se na fonte que o remo é considerado esporte fidalgo, salutar, moral e metódico, em contraposição ao futebol, que é caracterizado de forma pejorativa, como violento, esporte de pontapé, jogo da esfera de couro, onde se digladiava a mocidade. Termos utilizados para desprestigiar o futebol, que viria num suposto declínio, ao mesmo tempo evidenciar os valores supostamente distintos do remo, caracterizando-se assim como uma disputa por aquilo que Bourdieu (1983, p.142) denominou de “monopólio da definição legítima da prática esportiva”.

Por outro lado, a popularidade do futebol crescia de forma vertiginosa, na imprensa, na sua estrutura, nos adeptos, inclusive, na relação esportiva estabelecida com outras cidades, estados e regiões. Nesse sentido, os *matches* de futebol quando ocorriam fora de Pernambuco produziam potencialmente sentimentos de pertencimento na formação da identidade local, conforme relato da mesma Revista da Cidade sobre a participação do estado no Campeonato Brasileira de Futebol: “Por mais desinteressado que se seja pelos desportos, sempre que se põe em jogo o nome de nossa terra natal, a gente vibra e pede a Deus para que a terra querida não soffra o dissabôr de uma derrota.” (REVISTA DA CIDADE, n.10, 31 jul. 1926).

Apesar das críticas, na década de 1920 o futebol e o remo possuíam, ambos, popularidade, quando comparados a outras modalidades esportivas. Cidade banhadas por águas, as regatas tinham grande prestígios, angariando adeptos e apreciadores, fazendo do dia evento verdadeiras festas náuticas: “Regatas. Muita gente. Muitas bandeiras. Muitos gritos de torcida. Tudo isso fóra d’água, no caes.” (REVISTA DA CIDADE, n54, 04 jun. 1927, p.11)

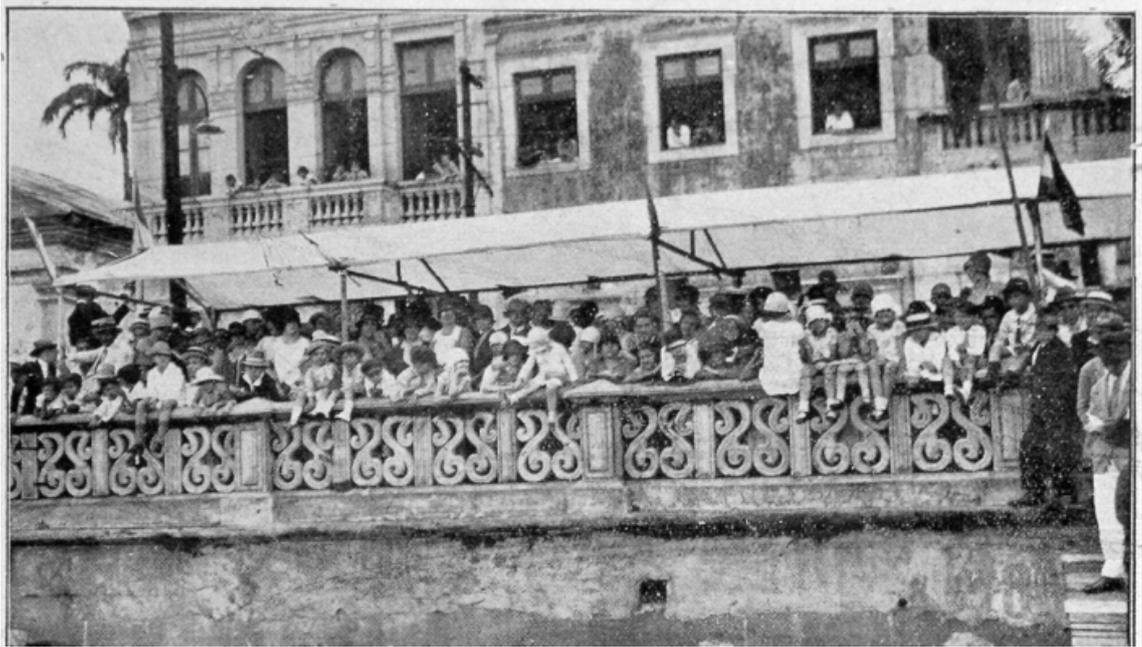


Figura 4 - O público das Regatas na beira do Capibaribe (1927)
Fonte: *Revista da Cidade*, n..75, 29 out 1927, p.18



Figura 5 - Tripulação do Clube Almirante Barroso (1927)
Fonte: *Revista da Cidade*, n..75, 29 out 1927, p.16

O esporte aquático do remo, como pode-se observar na Figura 4, envolvia-se de grande entusiasmo. Pavilhões eram construídos nos dias de provas, pontes e ruas nas proximidades do Capibaribe na Rua da Aurora enchiam-se de torcedores e entusiastas do acontecimento, ao mesmo tempo que social e esportivo. Estratégias conciliatórias foram sendo estabelecidas nesse período, como aquela relatada pelo memorialista Fernando Menezes (2011, p.19), para que os admiradores pudessem acompanhar os *matches* e os páreos: “Muitas vezes uma regata era antecipada, os páreos corriam no sábado, para evitar a concorrência com um grande jogo, geralmente clássico, na tarde de domingo.” Assim a torcida do Náutico e do Sport podiam participar dos dois espetáculos.”

Nas décadas que seguem, há uma postura mais conciliatória e menos conflitiva em relação ao desenvolvimento e adesão a estes esportes, ainda que sutis dissidências possam ser notadas. A década de 1930 marca a profissionalização do futebol, e, de fato, uma decadência do remo. O primeiro título pernambucano de futebol do Náutico, clube marcado por sua tradicional

participação no remo, aconteceu em 1934, fato emblemático na transmutação das disposições esportivas do período recortado. (OLIVEIRA, 1988).

Uma vez que outros esportes já compunham o cenário esportivo da época, remo e futebol foram sendo cada vez menos colocados em confronto no final da década de 1930 em diante. Ainda sim, o remo era uma prática alimentada por discursos elitizados de elegância, amadorismo e disciplina, conforme da Revista esportiva Estádio:

O remo é o esporte fidalgo por excellencia e aquele que melhores resultados oferece, quanto á educação do physico, daquele que o pratica.

E' tambem um esporte mudial, admittido no programma olympico, como um dos mais importantes e attrahenes. O regime de treinamento é quasi uma coisa uniforme em toda parte.

Pode haver, um pouco mais de severidade neste ou naquele país, mais em geral o fundamento para bons resultados, reside apenas na perseverança, na persistencia aos treinos, no regime alimentar e no methodo a observar-se quanto á vida commum.

O remador é pois, o esportiva por excellencia. Se não observa os preceitos necessarios exigidos para um bom resultado, preferivel é que abandone esse esporte, pois nunca chegará á perfeição e jamais cosneguirá concretizar os altos objetivos que alimenta. (ESTÁDIO, 24 maio 1937)

Na década de 1940 em diante, as regatas no Recife seguem subsistindo, sendo a modalidade desenvolvida apenas pelo Náutico, o Sport e o Barroso. Há diversos apelos para que essa prática não seja tomada pelo ostracismo. Eventualmente, regatas eram ainda realizadas, mas tomadas pelo saudosismo de uma época áurea que não mais existia. A prática do remo, entretanto, seguiu e segue viva na cidade, atravessada por oscilações, triunfos e decepções, bem como novas representações, distanciando-se pouco a pouco da ideia de esporte fidalgo e elegante, praticado única e exclusivamente pelas elites.

Considerações finais

Assim como em outras cidades brasileiras banhadas por águas de rios e mares, na cidade do Recife o remo foi um esporte pioneiro em sua organização esportiva e burocrática, sendo uma das primeiras manifestações institucionais no Brasil. Clubes tradicionais da cidade, como o Náutico e o Sport, conhecidos

por sua participação no futebol, fundaram-se no remo, desenvolvendo regatas que eram eventos de grande relevo na imprensa e na sociedade pernambucana no início do século XX.

Pouco a pouco, à medida que o esporte moderno ia instalando-se de suas mais variadas formas e expressões, outras práticas afirmavam-se, dentre elas o futebol, o tênis, o vôlei, o basquete, a natação, de forma que o remo passou a dividir sua primazia. A partir dos anos de 1920, um forte embate na imprensa e na imprensa esportiva inicia-se, ora atacando o futebol, jogo de contato e com os pés, ora clamando a nova prática que logo tornou-se popular. O remo então era elevado a uma prática com valores e benefícios higiênicos, morais, estéticos e salutareos. Esboçaram-se tentativas de elogiar o remo, para impedir o avanço do futebol na mocidade recifense.

Na década de 1930 e 1940, com a profissionalização e a popularidade atingida pelo futebol, os clubes passaram a priorizar esta prática, ainda que desenvolvesse as outras modalidades esportivas. O remo ainda tinha uma tradição de eventos, mas sua fase considerada áurea havia passado e era remorada nostalgicamente por memorialistas e cronistas.

Embora seja esporte hoje de menor adesão e aclamação, afetado pela poluição que invadiu as águas doces brasileiras, o remo teve papel fundamental na origem de estruturas e institucionalizações esportivas no Recife e no Brasil. Pesquisar e elucidar os processos pelos quais passou o remo é identificar as origens da esportivização no país. Sport e Náutico são exemplos de grandes equipes que a remada e o barco foram seus alicerces, quando os *sports*, práticas importadas da Inglaterra, eram ainda novidades vistas com entusiasmo e desconfiança.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **As praias e os dias**: história social das praias do Recife e de Olinda. Recife, PE: Prefeitura do Recife, Secretaria de Cultura, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.
- A REGATA. **Diário de Pernambuco**, Recife, 18 nov. 1902.

AROUCHA, Davi Costa. **A vara, a vela e o remo: trabalho e trabalhadores nos rios e portos do Recife oitocentista**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em História, 2017.

BERNARDES, Denis. **Recife, o caranguejo e o viaduto**. 2. ed. – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro. Marco Zero, 1983, pp. 136-153.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro, RJ; Lisboa [Portugal]: Bertrand Brasil: DIFEL, 1990.

CORDEIRO, Carlos Celso. **Naútico: história em fotos**. Recife: Ed. do Autor, 2012.

DIAS, Douglas da Cunha; SOARES, Carmen Lúcia. Entre velas, barcos e braçadas: Belém no reflexo das águas (do final do século XIX à década de 1920). **Projeto História**, São Paulo, n. 49, pp. 165-196, Abr. 2014.

ESTÁDIO, Recife, 24 maio 1937.

FREYRE, Gilberto. **Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Topbooks, 2000.

GESTEIRA, Heloisa Meireles. O Recife Holandês: história natural e colonização neerlandesa (1624-1654). **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.6-21, jan/jun. 2004.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX. **Revista Movimento**, v. 19, p. 139-159, 2013.

GUTTMAN, Allen. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York, NY: Columbia University Press, 1978.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSLY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LUCENA, Ricardo. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Editora Autores Associados, 2000.

MACIEL, Caio. Espaços públicos e geo-simbolismos na “cidade-estuário”: rios, pontes e paisagens do Recife. **Revista de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE**, , v.22, n.1, 2005.

MATOS, Potiguar. **Club Internacional do Recife**: um século de história. Recife, 1985.

MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de. **Entre esportes, divertimentos e competições**: a cultura física nos rios Tietê e Pinheiros (São Paulo, 1899-1949), Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual de Campinas, 2021.

MELO, Victor Andrade de. O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX. **Estudos históricos**, v.23, p.41-71, 1999.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade sportiva**: o turfe e o remo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

MELO, Victor Andrade de. Botafogo, Caju, Paquetá: a Baía de Guanabara em festa - o remo e a produção do espaço (1866-1895). **Recorde - Revista de História do Esporte**, v. 14, p. 1-63, 2021.

MENEZES, Fernando. **O esporte em Pernambuco**. Recife: Assembleia legislativa PE, 2011.

NASCIMENTO, Leonne; SILVA, Joanna. Das Praias Cariocas aos Rios Recifenses: A Institucionalização do Remo no Rio de Janeiro e no Recife. In: Ricardo de Figueiredo Lucena; Maria Isabel Brandão de Sousa Mendes; Priscila Santos Canuto. (Org.). **Esportes no Nordeste**: Um Mosaico Sócio-histórico. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011, v. , p. 51-70.

OLIVEIRA, Lucídio José Batista de. **O Náutico**: a bola e as lembranças. Recife: Recife Gráfica Editora S.A., 1988.

OLIVEIRA, Paulo. O Esporte em Recife em meados do século XIX: O caso do turfe no ano de 1859. In: LUCENA; Ricardo de F.; MENDES, Maria Isabel B. de Souza; CANUTO, Priscila Santos. (Org.). **Esportes no Nordeste**: um mosaico sócio-histórico. 1ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011, v. , p. 173-185.

O RUBRO NEGRO, Recife, 1944.

O RUBRO-NEGRO, Recife, 1947.

O RUBRO NEGRO, Recife, 1949.

PONTUAL, Virgínia. Tempos do Recife: representações culturais e configurações urbanas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.21, n.24, p.417-434, 2001.

REVISTA DA CIDADE, n.10, Recife, 31 jul. 1926.

REVISTA DA CIDADE, n.20, Recife, 09 out. 1926.

REVISTA DA CIDADE, n.54, Recife, 04 jun. 1927.

REVISTA DA CIDADE, n.67, Recife,03 set. 1927.

REVISTA DA CIDADE, n..75, Recife,29 out 1927.

REVISTA DIARIA. Diário de Pernambuco,Recife, 15 nov. 1898.

REVISTA SPOR CLUB DO RECIFE, Recife, maio de 1951

ROWING. Diário de Pernambuco, Recife, 10 set. 1916.

SANTOS, Henrique Sena. As elites e os clubes esportivos em Salvador, 1899 - 1924. **Veredas da História**, v. 1, p. 4, 2011.

SOARES, Carmen Lucia. **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. 1. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2016.

SPORT CLUB DO RECIFE. **Estatuto do Sport Club do Recife**. Recife, 1907.

SPORT CLUB DO RECIFE. **Diário de Pernambuco**, Recife, 23 jun. 1910.